

O HOMEM

ERNEST HELLO

O Homem: A vida, a Ciência e a Arte.

Tradução de Roberto Mallet. Campinas: Ecclesiae, 2015.

ISBN: 978-85-2491-011-3; 394pgs

A obra se divide em três livros – anunciados já no subtítulo: vida, ciência e arte. Buscaremos seguir, portanto, o ritmo proposto pelo autor.

Primeiro Livro: A Vida

Eric Voegelin afirma, categoricamente, que a principal finalidade da filosofia é resgatar a realidade. Como artista que retira a forma do mármore, o filósofo faz vir à tona a Verdade. Ernest Hello é um desses artistas. Seu estilo é cortante. Semelhante a Plotino, é um escultor de almas; à la Sócrates, não teme por se fazer ouvir em meio à Ágora. Ou seja, mergulha profundamente até atingir, no abismo, os ídolos que dilaceram a alma humana. Isso é muito claro ao tratar da Avareza, vício que se oculta em seu princípio e em seus efeitos (p. 17). Nesta passagem, descreve, como se fosse o próprio Tolkien, a alma do Smaug: “É evidente que o dinheiro só tem um valor representativo; só é precioso em vista das coisas que pode adquirir. Reduzido a si mesmo, não é absolutamente nada. Quem possuísse todo o dinheiro e o ouro do mundo, sem possuir a faculdade de gastar esse ouro ou esse dinheiro, seria o mais miserável dos seres” (p. 19).

Sobre a educação, Hello também tem muito a nos ensinar. Principalmente no que diz respeito à influência da cultura bárbara na imaginação. A inversão de

valores é uma das consequências da distorção dessa faculdade. Como ela é realizada? Da mesma maneira que a Avareza se oculta na alma humana: sendo infiltrada aos poucos; imperceptivelmente. São mentiras que jamais hão de ser demonstradas pela razão, “mas propostas, nos romances e nos melodramas à sua imaginação, que as aceitou”. A força que faz mover as inquietações é sempre a mesma: o Nada. Na modernidade, segundo o autor de “O Homem”, canta-se o Nada como se estivesse declamando o Ser. É Parmênides às avessas. Contrariando o dito medieval de que do nada, nada surge, Hello assegura que o tédio desabrocha de seu centro e oferece à humanidade o desespero.

É dessa agitação que brota, no meio artístico, um Horácio, um Cícero, um Voltaire – os quais não passam imunes à navalha de Hello. É dessa agitação que brotam, no seio da moral, “o sim e o não, um diante do outro” (p. 37). É a indiferença, caracterizada como o triunfo de Satã. É o vício que conduzirá a alma à inanição. No outro lado, encontra-se o Ser. É dEle que provém a vontade de viver. A felicidade – “Você tem amor ao tédio? Dirija-se ao Nada. Você tem amor pela Vida, amor pela Felicidade, amor pelo Amor? Dirija-se ao Ser” (p. 39). No universo orgânico de Hello, o pecado se manifesta sem as figurações maniqueístas. A mentira não é tão clara e distinta assim. Ela se oculta e

se desvela como um simulacro da Verdade. Pela boca do Indiferente, o único hino que sai é o da aclamação da contradição, ou seja, do Nada: “Tenho a peste! Não é impossível que a peste seja consequência do erro e do mal” (p. 40); que, em vez de lidar com o vício, no final das contas, diz para si mesmo: “Vou para um café, para entediar-me” (p. 41).

Nossa época é encarnação do Iluminismo. Espiritualmente, somos o efeito do tédio dos cafés, da “comédia” que zomba de qualquer situação, da falta de repouso – repouso que era sinônimo de conhecimento/sabedoria para os gregos (*epistēmederiva* de *stenai*, ‘estar parado’) e os judeus (depois de ordenada a obra, Deus descansou dela, *Gênesis* 2: 1-4.): “Deus é o mestre do tempo, e o tempo para, quando Ele fala, como se petrificam bois quando soa a tempestade” (p. 114). Esse sentido transparece ao dizer que “trabalhar é coisa simples; mas repousar, isto é que é difícil” (p. 47). O homem contemporâneo é o que se desfez no ar. É o que tem prazer em expor sua neutralidade, sua indiferença transvestida de tolerância. É o amante do Nada; do não-ser. “É amigo de todos os princípios e de todos os contrários” (p. 62). Hello não cansa de dissecar a alma. Faz vir à luz todas as potências demoníacas que anulam a percepção do Mistério, da Verdade, da Grandeza. As duas realidades são muito bem definidas em sua obra: “A lei do mundo é o rebaixamento” (p. 115); A lei de Deus é a lei da exaltação do Glorioso. O Ser exige amplitude; sua negação exige restrição: “Bem perto, o objeto visto cega o olho; muito perto cansa-o; distante, repousa-o; imenso, exalta-o” (p. 129).

Segundo livro: A Ciência

Babel é o nome primeiro tópico do segundo livro, o qual retrata bem as pretensões da ciência moderna, analisadas em dois momentos: panteísmo e ceticismo. Sobre o primeiro, afirma que “é a adoração da vida animal e da vida moral do homem, a adoração simultânea do homem e da natureza, como potências idênticas quanto a sua essência e quanto a seu desenvolvimento, como manifestações variadas da substância única, recebendo a vida de si mesmas” (p. 132). É a finalidade do materialismo: nutrir-se do Nada e voltar-se para o Nada. É a potência prometeica de adoração à Natureza que se reflete no paganismo e no ceticismo. O ceticismo, por sua vez, é tratado como a negação de Deus em um de seus últimos estágios: “Satã e Hegel emitem o mesmo grito: o Ser e o Nada são idênticos” (p. 135). Essa negação há de guiar o espírito para incompreensões do tipo:

“ — Jesus Cristo é Deus?

— Não exatamente.

— Então ele não é Deus?

— Não é bem isso o que digo; está indo um pouco longe; ele é qualquer coisa algo semelhante a um Deus; mas, não sabendo o que é um Deus, não posso dizer precisamente se ele é completamente isso ou se é mais ou menos isso; entretanto, sou um cristão” (p. 136).

No segundo livro, a crítica de Hello se dirige, a partir de um certo instante, para Voltaire. O francês encarna as principais características de Prometeu. É um dos maiores responsáveis por lançar as raízes do culturalismo. Merquior, em “O Liberalismo”, traduziu bem o sentido dessa hipervalorização cultural: Culturalismo é cristianismo sem Deus. Segundo Hello, Voltaire, homem fascinado pelos frutos da civilização, desconhecia plenamente a divindade de Cristo: “é o símio que ele ama, que

busca, que pensa ver por todos os lugares” (p. 146). O autor de “O

Homem” não faz uso de meias palavras para desprezar a obra voltairiana. De acordo com Hello, ela visa tão somente uma coisa: suprimir a verdade sobrenatural. O Século XVIII, sendo assim, é pintado como o século da negação da Verdade. A Razão é a deusa a ser louvada. Ergueram-na ao altar e a idolatraram, como se fosse capaz de retirar o sofrimento da humanidade.

O esforço de Hello para se atingir a justa-medida aristotélica é evidente. Se, na modernidade, a ciência foi cingida em dois extremos, racionalismo e empirismo, não quer dizer que essa concepção fragmentada seja a verdade. Resgatá-la desse materialismo oco, que faz promessas quiméricas aos homens, para simplesmente expressar sua desobediência divina, é necessário. Caso contrário, a razão se corromperá absolutamente nesta fragmentação. Ora, assim como a História não se restringe à reunião de fatos, a ciência não pode ser limitada à reunião de muitos conhecimentos. A Unidade, tão aclamada pelos pré-socráticos, e tão desprezada pelos modernos, deve ser retomada. Entrementes, vale ressaltar, para Hello, a Unidade é deve ser chamada pelo nome: “Jesus Cristo nasce. O homem não teme mais a natureza. Começa a vê-la como seu domínio, como o campo que deve explorar” (p. 173). Ora, o cristianismo proporcionou um avanço científico que os gregos sequer imaginavam. Ao secularizar a natureza (*physis*), a razão se libertou dos ídolos que a refreavam: “A idolatria exclui a Ciência” (p. 175).

Destarte, todos os entraves da ciência são bem colocados e manuseados por Hello. Desde a fragmentação até os devaneios da

Enciclopédia. Ou seja, de Descartes ao Iluminismo, “as ciências separadas de Deus, separadas da ciência, debruçadas sobre os animálculos microscópicos, negando tudo que não viam, não compreendendo nada das pequenas coisas que viam, porque tinham perdido a chave dos seres, e procuravam descobrir os detalhes da criação” (p. 181). Hello aponta qual é o verdadeiro sentido da ciência: “[...] proclamar a harmonia dos fatos que observa com as verdades que os contêm, abarcam e dominam” (p. 182). Ou seja, estabelecer a Unidade em meio à multiplicidade dos fenômenos. A razão, desse modo, tem de compreender a realidade a partir da própria ordem do ser. Fora dela, todas relações se tornam incongruentes e sem significado.

Na era da ilustração, os sofistas conclamam a razão como suporte civilizacional e/ou da ordem. Hello é contundente na refutação: impossível haver civilização/ordem sem cristianismo. É pelos frutos que se conhece a árvore. Os do cristianismo são notórios: liberdade e dignidade. Um dos frutos do Iluminismo é o *amor-próprio*, isto é, *ódio-próprio*. É justamente por não amar a verdade que o homem passa a ter prazer de seus próprios erros. O anúncio de Hello é objetivo: “Quando lançamos os olhos sobre o *mapa mundi*, ele se divide em duas partes: o mundo civilizado e o que não o é; o mundo civilizado e a barbárie. Ora, o mundo civilizado é o mundo cristão; a barbárie é o que não é cristão. Esta observação é tão simples que é quase chocante” (p. 195). Por fim, em um dos últimos tópicos do segundo livro, denominado *Unidade*, Hello prescreve a regra de ouro: “Quem vive é quem ama; une-se e une” (p. 243). E o conhecimento é

uma perpétua união entre a Verdade e o homem.

Terceiro livro: A Arte

“A palavra e a luz são os dois ministros da Arte” (p. 267). Com essa definição que Hello inicia o último livro. Tanto a palavra quanto a luz podem ser conjugadas com outros princípios de harmonia, tais como a aritmética, que gera a poesia e a música, quanto a geometria, que gera a arquitetura, a escultura e a pintura. A verdadeira arte, portanto, é a eterna tentativa de tornar sensível a beleza invisível. No entanto, na modernidade, a baixeza, na concepção de Hello, ganha espaço. Paris é sua morada. Assiste-se ao surgimento da mediocridade com ares de grandeza. Grande parte desse crescimento é ocasionada pela falta de crítica. Como é bem definido por Hello, “a crítica e a consciência da Arte” (p. 279). Sem a figura do crítico, perde-se inteiramente um padrão de excelência no meio artístico: “[...] a crítica tem esta missão sublime de renovar o sangue dos trabalhadores, e de refazer sua juventude. Para cumprir sua tarefa, ela precisa ter alma, e muito alma” (p. 279).

A Unidade, princípio divino por excelência, é retomada também na arte. Todavia, alguns artistas foram incapazes de compreendê-la. Boileau, por exemplo, ao mecanizá-la, criando diversas regrinhas para compor uma obra de arte, despiu-se de toda glória. Fez da arte sublime uma paródia. O poeta tem de ser um ministro do mistério, de modo que a criação artística ultrapasse, de alguma maneira, as regras históricas de composição artística. Assim, para definir a essência de o que é arte,

Hello disserta sobre as três culturas norteadoras da Humanidade: *Ásia, Grécia e Roma*.

Para Hello, a *Ásia* tem um traço fantasioso. O espetáculo é uma de suas principais características, que diz muito sobre seu modo de compreender a realidade: “A ciência oriental é a estética” (p. 296). Na *Grécia*, pelo contrário, prepondera a razão, o espírito científico: ela não contempla; ela julga, compara, mede: “Seu instrumento é o compasso. A medida! A Grécia está toda nesta palavra. Toda sua beleza está na proporção” (p. 296). E toda obra ali expressa reproduz o próprio espírito grego; a etnia grega: “Na Grécia, a estatuária não está mais diretamente a serviço da religião: está a serviço da raça; não exprime mais o mistério, não exprime ainda o indivíduo, ela exprime o tipo. Se representa um deus, é um deus do Olimpo, que não é nem oculto, nem terrível, nem grandioso”. É a humanização da arte: “A Grécia arranca a arte do santuário em que tinha posto o Oriente, e coloca-a sobre o pequeno altar da beleza humana, exclusivamente representada pela beleza grega” (p. 298). Em *Roma*, a arte se torna o culto da massa. Se a Grécia adorou a beleza, a Roma adorou a força.

É interessante notar que algumas análises de Hello sobre a tragédia são pertinentes; outras, nem tanto. Sua percepção da arte dionisiaca segue um curso restrito, de que não há mistério na arte grega, pois tudo é bem ordenado, racionalizado. O âmbito místico é desconsiderado. Contudo, mesmo assim, o poder estilístico de Hello, capaz de esclarecer impressões, até então, obscuras, vem à tona em passagens como esta: “Na tragédia grega, o absurdo é grave, lento, compassado.

A fatalidade que o conduz pela mão dá-lhe uma aparência austera” (p. 318). E quando seu exame se volta para a comédia, notamos a mesma perspicácia: “Se um dia surgir um escritor cômico, esse homem possuirá o riso, em vez de ser possuído por ele. Não rirá de tudo. Saberá o lugar do riso, e colocará sempre em sua vizinhança algumas lágrimas refrescantes. Esse homem saberá que o cômico torna-se horrível; que ninguém deve tocar numa chaga se não tiver nada para pensá-la” (p. 339).

O livro de Hello é um anúncio da Verdade que se expressa de maneiras variadas, não obstante, unificadas. Se tanto na Vida quanto na Ciência a referência é Deus, na arte a tendência não poderia ser diferente. Ela é a “recordação da presença universal de Deus” (p. 343). Afinal, a beleza da

vida, a beleza da ordenação racional, a beleza da ordenação estética só alude a Deus. Dito de deste modo, o livro de Hello é uma composição contra a mediocridade moderna, sem deixar de ser moderno. Possui uma vontade de reordenação que falta às obras hodiernas. É um alento em meio a tantos falatórios, a tantas meias-palavras, a tantas meias-verdades. Num contexto em que a incompreensão é louvada, suas definições são tão diretas e precisas que chegam a causar espanto; não qualquer tipo de espanto, mas o espanto que nos transporta ao ‘maravilhamento’ aristotélico; que nos põe em movimento o espírito ao retirá-lo do tédio, da indiferença, do desespero, do Nada.

Rodrigo de Abreu Oliveira

Especialista em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2010). Mestre em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal de Ouro Preto (2013).
Doutorando em Filosofia Moderna pela Universidade Federal de Minas Gerais.
País de origem: Brasil. E-mail: **rodrigodeao@gmail.com**

*Recebido em 18/03/ 2015
Aprovado em 15/04/2015*